

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

CANTIGAS POPULARES DO DOURO

Recolhidas da tradição por

José B. d'Abreu Gouveia

(Conclusão)

292

O' Senhora dos Remedios,
Tão pequenina e mimosa,
Aqui venho de bem longe
Para ver tão linda rosa.

293

O' Senhora dos Remedios,
Que daes aos vossos romeiros?
Dou-lh' agua das minhas fontes,
Sombra dos meus castanheiros.

294

O meu coração é relógio,
Meu peito dá as badaladas,
No dia em que te não vejo
Trago-te as horas contadas.

295

A silva que me prendeu
A' tua janella nasce;
Nunca silva me prendeu
Que eu d'ella não me livrasse.

296

Loureiro, fostes ditoso
Em nascer junto ao caminho,
Todas as moças que passam
Te furtam o seu raminho.

297

Oh! que ranchinho de moças!
Oh! que bella novidade!
Criadinhas n'uma aldeia
Parecom d'uma cidade.

298

Eu não sei que significa
O nevoeiro na serra,
Se quer dizer lealdade,
Ha bem pouca n'esta terra.

299

Chamaes á amoreira triste,
Como vós vos enganades;
A amoreira dá a seda,
Com que vós vos acaes.

300

Minha mãe reprehenda a Anna,
Que se tire da janella,
Que anda ali um gajo novo

Que não tira os olhos d'ella.

301

Você diz que não me quer.
Inda me ha-de vir a querer;
Tanto dá a agua na pedra
Que a faz amolecer.

302

Vae-te embora, amor, não cuides
Que me tornas a lembrar;
Em tempo nenhum do mundo
Te torno a procurar.

303

—O' minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido:
—O meu vestido são penas;
—Eu em penas sempre vivo.

304

O prometido é devido,
Bem sei que estou a dever;
A maior pena que eu tenho
Foi chegar-te a prometter.

305

Deixa-me ir que levo pressa,
Levo agua p'ra regar,
Amanhã é dia santo
Temos tempo de fallar.

306

Penas do meu coração
Ninguem as ha-de saber;
Eu as fiz, eu as causei,
Eu as hei-de padecer.

307

As telhas do teu telhado,
As pedrinhas do teu muro,
Essas te podem dizer
As vezes que eu te procuro.

FOLK-LORE AÇORIANO

I

*Cantigas populares recolhidas em
Ponta Delgada (filha de S. Miguel)*

1

Eu sinto pular de gosto,
Meu coração, livremente.
Antes qu'eu queira amar outro
Meu coração não consente.

2

Eu roubei-te; tu não digas

A ninguem qu'eu sou ladrão:
Qu'eu roubei-te um beijo d'alma,
Guardei-o no coração.

3

A teus cabellos *enellados* (annellados)
Nem a todos *figuem* bem.
Na testa do meu amor
Ficam melhor qu'a ninguem.

4

Eu quero-te tanto, tanto,
Mesmo me sinto delirar;
Que te logrando irei
Pr'a terra fria gelar.

5

Se tu vires o meu amor,
—Aquello bello sujeito,—
Diz-lhe qu'eu quo estou á morte
Causada por seu respeito.

6

Olhos pretos, solitarios,
Filhos d'um contratador:
Não contractes com ninguom,
Serei eu o teu amor.

7

Ando triste, pensativa,
A cuidar no bem qu'adoro.
Chego á janella triste,
Venho p'ra dentro, choro.

8

Cada vez qu'ou me lembro
Que de ti me heide apartar,
Vem-me as lagrimas aos olhos
Com vontade de chorar.

9

A rosa para ser rosa
Deve ser do Japão,
E o amor para ser firme
Deve ser do coração.

10

Meu amor, pega em dois ferros,
No meu peito faz um rasgão:
De dentro virá a sair
Alma, vida e coração.

11

Da garganta fiz tinteiro,
Da lingua penna aparada,
Dos dentes letra miuda,
Dos beiços carta cerrada.

12

Já que Dous te fez tão lindo,
Pela aba do chapéo,
Os teus olhos são balanças
Que levam almas ao céo.

13

Não me 'tejas a mirar,
Pela aba do chapéo,
Eu bem vi que não sou linda:
—Quem quer amores vá ao céo.

14

Da minha janella á tua

São duas varas medidas.
O teu coração cô'o meu
São duas almas perdidas.

15

Não me chames trevo, trevo,
Trevo de debaixo do chão;
Não sou trevo, mas m'atrevo
A entrar no teu coração.

16

Não me chames trevo, trevo,
Trevo do debaixo do trigo;
Não sou trevo, mas m'atrevo
A tomar amores contigo.

17

Vai-te deitar a dormir,
Qu'estás caindo com somno.
Não me 'tejas a mirar:
Meu corpinho já tem dono.

18

Não te encostes á barreira,
Que a pedra branca faz pó:
Encosta-te a este meu peito,
Qu'esta noite fico só.

19

Não quero bem a ninguem,
Nem ninguem me quer a mim;
Quero andar entre rosas,
A' sombra do alecrim.

20

Tenho na minha janella
O que tu não tens na tua:
Um vaso de violetas,
Que dá cheiro em toda a rua.

21

Heide-me vestir de luto,
Do luto melhor que houver,
So me viér a noticia
Que o meu amor não me quer.

22

Quem me déra pôr a mão
No alto do teu collete,
Na parto mais delicada,
Onde acerta o ramalhoto.

23

O mar já se vai enchendo
De garrafinhas azues;
Eu já estou arrependida
Da grande lei que te puz.

24

A giasta amarella,
Sobredoirada na ponta,
Podes passar ao largo
Qu'eu de tinão faço conta.

25

Se tu soubesses, amor,
Como eu tenho o meu coração!..
Está como a propria noite
Cercada de escuridão.

26

As ondas do mar lá fora,

Deita ondas ao revêso.
Assim qu'eu olho p'ra ti,
Dá-me somno, adormeço.

27

Vai-te deitar a dormir,
Que passaste mal a noite;
Vai-te deitar descansado,
Qu'eu sou tua, não sou d'outro.

28

Os olhos pretos são falsos,
Os azues lisongeiros,
Os que são acastanhados
E' que são os verdadeiros.

29

Abre o teu lenço e vérás
Quatro ramos enfiorecidos;
Ainda espero que tu vejas
Nossos corações unidos.

30

Ausente dê ti, meu bem,
Eu como é que posso estar?
Sem comer nem beber,
Meu alívio é chorar.

31

Cada vez qu'eu m'alembro
De ti heide-me separar,
Olho para o céu e digo:
—Morte, vêm-me aqui buscar.

32

Antes que o lume se apague,
Na cinza fica o calor.
Antes que o amor se ausente,
No coração fica a dôr.

33

Cada vez qu'eu m'inclino
A' tua real cintura,
Entrego minh'alma a Deus,
O corpo á sepultura.

34

As estrellas do céu correm
Todas n'uma carreirinha:
Assim correm os favores
Da tua mão para a minha.

35

Não tenho mais que t'offereça:
—Um galho d'amor perfeito.
Adeus flores qu'asstem (*assistem*)
N'esse jardim do meu peito.

36

O' mar alto! ó mar alto!
O' mar alto sem ter fundo!
Antes andar no mar alto
Que andar na bocca do mundo.

37

Dá-me as tuas mãos mimosas,
Os teus dedos estendidos:
Palpitam mimosamente
Nossos corações unidos.

38

Já os peixes estão de luto

E as arvores de sentimento.
O meu coração veste luto
D'este nosso apartamento.

39

Quem me dêra ser *tusoura* (*thesoura*)
Que cortasse no delgado,
Que te talhava uma roupa,
Corpinho tão delicado.

40

E's o meu lindo,
Aprovado no meu peito,
Minha flor de perpetua,
Meu galho d'amor perfeito.

41

Meus olhos de amendoa,
Doces beiços de pera madura;
Peço que não te esqueças
D'esta certa creatura.

42

Eu bem sei que sou criança,
Mas p'ra t'amar tenho tino.
Dava-te o meu coração,
Se eu soubesso o teu destino.

43

Juro-te pela minh'alma,
Pela minha salvação,
Que não tenho outro amor
Dentro em meu coração.

44

Rosa branca, flor d'Hispanha,
Explicado no saber.
Dormes de noite na rua,
Bem folgas de me vêr!

45

Vae-te carta dizer
O que fica no meu peito.
Se eu fosse, como tu vaes,
Ficaria satisfeito.

46

O mar é uma... (?) de penas,
Uma chuva de suspiros,
Uma fonte de saudades,
Adonde eu vou tomar alívios.

47

Abre a tua porta,
Cerra o teu postigo,
Dá-me o teu lenço
Qu'eu venho ferido.

48

Se tu vens ferido,
Entra p'ra dentro,
Que a minha tranquinha
Serve de unguento.

49

Unguento novo
Da tal botica
Que se fez agora
Do peito da amiga.

II A vinha e o vinho

A vinha:

Eu tenho um grande desgosto,
D'isso vivo descontente:
Que é d'um filho que tenho
Fazer mal a tanta gente.

O vinho:

Eu sou um bom rapaz,
Que não mecho com ninguém;
Mas quem se metter commigo
Prometto vingar-me bem.

(Rocolhida no lugar dos Arrifes, da ilha de S. Miguel).

Armando da Silva.

CANTARES

(Continuado de pag. 32)

A verdade em duas linhas,
E com toda a exactidão:
Quatro tocheiros accesos,
E o morto no caixão!

O' campainha de prata,
Meu relógio de márfil;
Ha que tempo estou á espera
Que essa bocca diga: sim.

Ao jardim das alegrias
Fui para me consolar;
Morreram todas as flôres
De tanto me vêr chorar.

No que pôde succeder
Nunca deixes de pensar,
Porque é melhor prevenir
Que ter de remediar.

Maria deu-me uma rosa
E sua mãe percebeu;
Fez-se logo mais córada
Do que a rosa que me deu.

Se eu soubesse que cantando
Te havia de divertir,
Cantaria toda a noite,

Ficaria sem dormir.

Ai, que janella tão alta!
Ai, que balcão tão dourado!
Ai, que menina tão bella
Quem será seu namorado?

Lá por ter o pé no estribo
Certa a victoria não é,
Que depois de estar assim
Muita gente fica a pé.

A guitarra sem bordão
Chora e geme e não repousa;
Aqui estou fazendo o mesmo,
Cá por causa de uma cousa.

Mostra sempre egual firmeza,
Por maior que seja o mal;
Olha que a lima mais dura
Limpa melhor o metal.

Uma trança de dois fios
Inda havemos de compôr;
Tu dás o fio da constância,
Eu darei o fio do amor.

Fui ao jardim das tristezas
A chorar as minhas penas;
Onde as lagrimas cahiram
Rebentaram assucenas.

Os teus olhos são tão vivos
Como os da agua real;
Cada vez que tu os fechas
Sinto o golpe d'um punhal.

Aquelle que tem familia
Não fale mal de ninguém;
Pois expõe-se a que da sua
Haja quem fale tambem.

Bem sei que te levantaste,
Bem sei que estás escutando,
E que escreves n'um papel
Aquillo que eu eston cantando

Fernandes Costa.